

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

ARTE, CULTURA E SOCIEDADE: diálogos e inter-relações – a indústria cultural e a arte

Autora: Inês Furtado¹

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck²

RESUMO: O presente texto objetiva apresentar um relato sobre o processo de Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica como um dos resultados de nossa participação no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Essa intervenção foi realizada junto aos alunos do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Amâncio Moro, no município de Corbélia-Pr. Nele pesquisamos e analisamos a prática da produção em série e do consumo da arte transformada em mercadoria pela indústria cultural, já que as diversas manifestações artísticas também se submetem às regras do mercado capitalista. Da mesma forma, buscamos promover reflexões sobre como essa influência manipula a sociedade e interfere na aceitação e na compreensão do que é arte. Portanto, esse estudo teve como objetivo proporcionar a apreensão da realidade e levar o aluno à conquista de uma conscientização sobre o seu poder de escolha para deixar de ser mero reproduzidor, e, também, levá-lo a uma emancipação na busca efetiva de nossa própria cultura. Para a efetivação dos objetivos, no encaminhamento, procuramos considerar os três momentos de organização metodológica do ensino da Arte: a teoria, a percepção e o trabalho artístico. Sempre ancorados em estudos como os de Adorno e Horkheimer (1985), Coelho (1986), Benjamin (2014) e Eco (1993), entre outros, acreditamos que seja possível que o aluno, assim, encontre sentido nas suas produções e nas produções da humanidade, na valorização e na compreensão da arte nas suas incontáveis possibilidades de percepção, de fruição e de criação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte e educação; indústria cultural; PDE- Programa de Desenvolvimento Educacional.

INTRODUÇÃO

No estudo efetivado, que resulta da nossa participação no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2015-2017, desenvolvemos o Projeto de Intervenção Pedagógica no Colégio Estadual Amâncio Moro, no município de Corbélia-Pr. Essa se deu pela produção e aplicação de uma Unidade Didática, com propostas de estudos voltados para a percepção, a fruição e a criação artística, atendendo ao proposto pelas Diretrizes Curriculares Estaduais de Arte (2008).

A necessidade de trabalhar sobre o tema da indústria cultural nessa escola deu-se por conta da observação e por meio de uma pesquisa informal que realizamos em anos anteriores, que revelou a falta de um estudo mais aprofundado sobre o tema, sendo que a influência desse sistema de arte é bastante evidente em

nossa comunidade escolar, que se situa em um pequeno município do interior do Paraná, onde o acesso à arte, de uma forma geral, é bem limitado e acontece, quase unicamente, por meio da escola e, mais especificamente, durante as aulas da disciplina de Arte.

A impossibilidade de contato direto com obras de arte é um problema e uma realidade. Diante disso, como professores já há muitos anos, percebemos a necessidade de gerar estratégias de estudos voltadas para discussões e reflexões acerca da indústria cultural e sua relação com a vida cotidiana. Desenvolvemos o referido projeto a fim de buscar conhecimentos e encaminhamentos pedagógicos que pudessem contribuir para um melhor entendimento da indústria cultural, tendo como propósito a formação de alunos mais reflexivos, com maior capacidade de visualização e criação diante da arte e sua relação com o cenário sociocultural atual. Oportunizamos, desse modo, ações para a ampliação das possibilidades de conscientização e criticidade dos alunos da nossa escola. Tais práticas serviram, também, como forma de revelar posicionamentos diante de situações, fatos e acontecimentos cotidianos, levando os alunos a estabelecerem uma relação dos conteúdos escolares da área de Arte com a realidade vivida. Pois entendemos, que toda produção artística carrega consigo as marcas pessoais e culturais de quem a produz e de quem a recebe. Seu valor depende da relação estabelecida entre produtor e observador. Por isso, estudar e compreender a arte, e em especial os elementos da indústria cultural, é essencial para entender o mundo em que vivemos.

A busca das pessoas pela felicidade e pela satisfação de seus desejos individuais leva ao consumo excessivo de produtos, veiculados pelos meios de comunicação de massa. Esse consumismo se apresenta nos mais variados produtos, inclusive na arte. A indústria cultural tem o objetivo de vender produtos, dessa forma apresenta forte poder de manipular os seus consumidores. Ela se apropria de bens culturais e os transforma em mercadorias. Nesse contexto, cabe lembrar-nos de que boa parte da população, assim como nossos alunos, só tem acesso às mídias mais populares, como o rádio e a televisão. Desse modo, muitos acabam se habituando a consumir aquele tipo de cultura veiculada por esses meios de comunicação. Manipulados, assim, acreditam que isso é o correto, que é o que apresenta valor. Como resultado dessa situação, os sujeitos apresentam uma certa resistência em conhecer, compreender, usufruir e valorizar outras formas artísticas ou bens culturais, como arte erudita ou consagrada historicamente, ou ainda, a arte

popular e outras manifestações artísticas que não estão nas mídias ou nos museus, mas que fazem parte das tradições do povo e, muitas vezes, estão integradas no cotidiano. Isso acaba por limitar o que veem, o que ouvem e o que consomem.

Observamos a falta de uma cultura escolar que se volte para essa reflexão, com o foco nos objetos artísticos e na sua veiculação pelas mídias, na busca de entender esse sistema como uma cultura formadora de estereótipos, manipuladora e padronizada. Portanto, trabalhar com essa temática na escola é fundamental para que os estudantes possam perceber e refletir sobre o quanto somos influenciados por este sistema de arte e como consumimos a arte que nos é apresentada.

Frente à situação anteriormente exposta sobre a atuação da mídia na veiculação de produtos culturais, questionamo-nos de que maneira a arte é usada pela indústria cultural como forma de padronização do pensamento e do comportamento humano, influenciando na sua produção e consumo. Essa questão nos parece vital para o ensino de Arte na escola. A indústria cultural, além de ser a forma de contato com a arte mais presente na sociedade em que vivemos, exerce uma série de influências no comportamento e nos valores de quem os absorve. É, portanto, importante que o aluno tenha conhecimento das questões ideológicas presentes nesse sistema para que, assim, possa tornar-se consciente e crítico quanto à sua concepção de cultura.

RELAÇÕES ENTRE A INDÚSTRIA CULTURAL, A ARTE E O ENSINO

O Projeto de Intervenção Pedagógica realizado apresentou como proposta pesquisar e analisar a prática da produção em série e do consumo da arte transformada em mercadoria pela indústria cultural, pois a arte também se submete às regras do mercado capitalista. Da mesma forma, buscamos promover reflexões sobre como essa influência manipula a sociedade e como interfere na aceitação e na compreensão do que é a arte.

Portanto, o estudo teve como proposta trabalhar com essa questão na escola, a fim de proporcionar a apreensão da realidade e levar o aluno à conquista de uma conscientização sobre o seu poder de escolha e deixar de ser mero reproduzidor. Isso pode levá-lo, também, a uma emancipação na busca efetiva de nossa própria cultura sem nos deixar enganar pelos modismos e pela ideia de (falsa) igualdade. Acreditamos que seja possível que o aluno, assim, encontre sentido nas suas

produções e nas produções da humanidade, na valorização e na compreensão da arte nas suas incontáveis possibilidades de percepção, de fruição, de criação.

Como objetivo do estudo, buscamos compreender a arte nas mídias mais populares, sua função social e ideológica de veiculação e consumo, pesquisando, apreciando e analisando as formas e modelos mais frequentes, partindo de exemplos cotidianos vivenciados pelos alunos, para que pudessem perceber-se como participantes desse sistema, promovendo o debate e a reflexão sobre a influência da indústria cultural nas nossas vidas, em busca de uma visão mais crítica acerca da realidade. Ainda propomos compreender a relação entre a arte e a indústria cultural, estudando o movimento artístico da *Pop Art* e a reprodutibilidade de obras de arte, a partir do estudo de técnicas de gravura para que os alunos tivessem a experiência com a criação artística.

Propiciamos aos estudantes um espaço no qual pudessem ser críticos sobre a influência da mídia e o processo de massificação presente no nosso comportamento, refletindo e discutindo sobre a relação entre cultura de massa, consumo e sociedade para que adquirissem uma consciência mais crítica sobre o valor da arte e a sua relação com a indústria e com o consumo.

Segundo as Diretrizes Curriculares estaduais – Arte, (2008, p. 52), é objetivo do ensino da arte a aquisição de “conhecimento sobre a diversidade de pensamento e de criação artística”, para que a capacidade de criação do aluno possa ser ampliada, bem como para que sua capacidade de pensar criticamente se desenvolva. Para tanto, é necessário que se busque compreender a arte a partir do entendimento dos campos conceituais de estudo sobre ela: a arte como conhecimento estético e como conhecimento da produção artística. Desse modo, segundo o documento, (DCE, 2008, p. 52-54), o conceito do “conhecimento estético” se relaciona ao sensível e ao cognitivo: o objeto artístico é resultante da reflexão sobre a sensibilidade e o próprio fenômeno artístico. Assim, é necessária a compreensão dos conteúdos históricos e sociais onde a arte acontece. O conceito do “conhecimento da produção artística” se relaciona à criação e a todo seu processo: O artista deve ser compreendido como parte da obra. Isso implica em sua história social, suas condições para a produção da obra, seu nível de conhecimento técnico, seu saber científico e, também, a maneira como essa obra chega até o público, incluindo a sua forma de contato e as suas características.

Dessa maneira, os conteúdos trabalhados nas aulas de Arte devem ser pensados de forma crítica, para possibilitar ao aluno perceber as manifestações artísticas em suas “múltiplas dimensões cognitivas”, a fim de fazer relações entre a sua vida e as representações da Arte. O seu ensino na escola deve ser abordado a partir das concepções de arte no campo das teorias críticas, fundamentadas nas relações históricas entre arte e sociedade: a arte é entendida, conforme exposto nas Diretrizes Curriculares de Arte (2008, p. 54-62), como conhecimento, como trabalho criador e como ideologia. A arte é conhecimento, pois trabalha com os sentidos humanos e expressa a realidade de quem a cria, o seu contexto histórico e social. Nesse sentido,

[...] como conhecimento da realidade, a arte pode revelar aspectos do real, não em sua objetividade – o que constitui tarefa específica da ciência –, mas em sua relação com a individualidade humana. Assim, a existência humana é o objeto específico da arte, ainda que nem sempre o homem seja objeto da representação artística. (DCE-Arte, 2008, p. 57).

Dessa forma, a arte apresenta uma visão específica de mundo. Essa se constrói socialmente, sendo o artista seu protagonista, bem como o seu público, que apreende a percepção da obra de arte. Nesse sentido, arte é trabalho criador, pois resulta da ação do homem sobre a natureza. O ser humano se constrói como ser histórico e social, produz sua existência. A arte é parte dessa construção, uma vez que significa uma ação, com o objetivo de dar forma e significado às matérias, aos objetos, portanto, criação.

A arte é, também, ideologia (DCE, 2008, p. 58), pois “ela é sempre produto de uma situação histórica e de um tipo de sociedade; está presente em todas as maneiras de agir, pensar e se comportar, nas relações dos homens entre si e com a natureza.” O artista que a produz é parte dessa sociedade, e a sua ideologia perpassa as diversas atividades, sejam elas políticas, religiosas ou econômicas. O artista é um ser social, por isso, não é indiferente àquilo em que acredita e que vive.

A arte, portanto, não é “neutra”, ela é produzida em relação ao todo, ao contexto social, econômico, político e cultural. Ela pode criar/promover/gerar uma nova realidade ou interferir, de forma expressiva, em nossas vidas. Nas DCE, (2008, p. 59), vemos que

[...] a arte desempenha também uma função ideológica e pode se tornar elemento de imposição de modos de ser, pensar e agir hegemônicos, pois pela mídia em geral (TVs, jornais, rádios, grandes editoras, empresas de marketing e produtoras e distribuidoras de filmes, vídeos, etc.) alcança quase toda a população do país. Por isso, é fundamental levar ao conhecimento dos alunos as três principais formas de como a arte é produzida e disseminada na sociedade contemporânea.

Os três sistemas de arte devem ser abordados na escola. Porém, observamos que a arte erudita é a que mais se estuda na escola, em detrimento dos outros dois: a arte popular e a indústria cultural.

A arte popular, como descrito nas DCE – Arte (2008, p. 59) “é produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais e étnicos, e compõe o espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessa classe e desses grupos.”

A indústria cultural, ou cultura de massa, é a que produz e difunde formas artísticas em série. Veiculada pelas mídias, transforma a arte em mercadoria, dá pouca importância à qualidade e se preocupa, basicamente, em gerar lucros. Ela também define padrões de pensamento e conduta com as ideias e produtos veiculados por seu meio.

Ao falar em arte, cultura de massa, indústria cultural, pensamos sobre as suas funções e como elas se transformam ao longo do tempo. Ernest Fischer, em seu livro *A necessidade da Arte* (2002), chama a nossa atenção para essa função atual que a arte desempenha na sociedade capitalista contemporânea, e como a industrialização afirmou a necessidade de uma arte que represente as novas realidades. De acordo com seu pensamento, “a sociedade industrializada, contudo, precisa de gente que saiba ler e escrever. O conhecimento desenvolve-se juntamente com a indústria.” (FISCHER, 2002, p. 233).

Quando estudamos a indústria cultural, questões importantes vêm à tona: Quais são os malefícios e os benefícios dessa indústria para a formação humana? Quais as relações que podemos estabelecer entre os meios de comunicação, a cultura de massas e a sociedade? Como discriminar os produtos oferecidos para o consumo? Como aproveitar, positivamente, as mensagens emitidas? Ao pensar nessas questões, partimos para o estudo sobre a indústria cultural, com base em autores que tratam do tema, principalmente os filósofos da Escola de Frankfurt: Adorno (1985 e 2002), Horkheimer (1985) e Benjamim (2014), além de outros importantes pensadores como Eco (1993) e Coelho (1986).

A partir da industrialização propiciada pela Revolução Industrial, no século XVIII, e acentuada na segunda metade do século XIX, a indústria cultural e os meios de comunicação intensificam uma economia de mercado voltada para o consumo cada vez maior de bens culturais. Resultante, então, da industrialização, ela surge junto com os jornais, folhetins, teatro de revista, opereta, o cartaz, entre outros.

A principal característica desse sistema de arte é que ela não é feita por aqueles que a consomem. Ou seja, uma cultura produzida para o povo e não pelo povo. Nas palavras de Coelho (1986, p. 10),

[...] é esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho. Estes são alguns dos traços marcantes da sociedade capitalista liberal, onde é nítida a oposição de classes e em cujo interior começa a surgir a cultura de massa.

O autor destaca, ainda, dois aspectos importantes desse processo: a reificação (a coisificação) e a alienação. Onde “a coisa, o bem, o produto, a propriedade” (COELHO, 1986, p. 11) e, conseqüentemente, o próprio homem, que coisificado, aliena-se, pelo valor que troca pelo seu trabalho. Valor esse que é inferior ao que produz e, assim, acomodasse-se de seus projetos de vida, pois não dispõe, ou pouco dispõe, de tempo ou conhecimentos teóricos que possam permitir-lhe uma visão mais crítica de si mesmo e da sociedade em que vive.

A indústria cultural, como vimos, surge da sociedade industrial, a sociedade de consumo, e também da ideia da existência de uma oposição entre uma cultura considerada superior e a cultura de massa. Na visão de Coelho (1986, p. 30), esta dicotomia é um equívoco que provoca uma superficialidade à visão crítica, pois

[...] a indústria cultural pode ser abordada também sob o aspecto das funções exercidas por seu produto, a cultura de massa. Do lado das funções negativas, cita-se uma tendência para a produção da alienação do homem através do reforço de normas sociais não discutidas, do encorajamento do conformismo social e da marginalização do debate sobre as questões vitais da sociedade. Do lado das funções positivas, menciona-se o dinamismo próprio das culturas de massa, capaz de gerar efeitos sociais além dos previstos; e, ainda, que a indústria cultural não combate a cultura superior e a popular, criando apenas uma nova forma cultural capaz de complementar as tradicionais.

Umberto Eco, em seu livro *Apocalípticos e integrados* (1993), analisa os aspectos positivos e negativos da chamada cultura de massas e apresenta a visão daqueles que a criticam e daqueles que a defendem, como sugere o título: as críticas (apocalípticos) apresentadas a esse sistema consistem, principalmente, na destruição das características culturais próprias de determinadas sociedades, uma vez que trata o público, que é heterogêneo, de forma homogênea. Ela cria, assim, uma “média de gosto”, apresenta uma função mais conservadora, entrega ao público emoções e simbolismos já prontos, determinados. Além da ação persuasiva da publicidade e de valores que são impostos “de cima”. Nessa percepção, ela causa, uma visão passiva e acrítica do mundo, vicia atitudes, cria estereótipos, preconceitos, conformismo, controle da consciência e distorção de valores sociais. Enfim, passa a ideia que “todos têm acesso à cultura” (1993, p. 43), pensamento que gera uma falsa sensação de igualdade.

Quanto aos aspectos considerados positivos (integrados), analisados por Eco, podemos citar a visão de que essa cultura proporciona acesso à informação, aos conhecimentos históricos, a diversos bens culturais, às obras de arte e ao entretenimento. Além de proporcionar ao cidadão se ver como participante da sociedade. O autor também cita a visão de que a homogeneização do gosto contribui para eliminar as diferenças e unificar as sensibilidades.

Coelho (1986) cita as ideias de Adorno e Horkheimer (1985), que afirmam que a indústria desempenha funções semelhantes às do estado fascista, pois promove a alienação na base do totalitarismo. Nesse sistema, o ser humano, ao não pensar sobre si e sobre a sociedade, torna-se, pois, também, um produto desse mesmo sistema que o envolve e aliena. Em contraposição, apresenta, a ideia de que a indústria cultural é um “processo democratizador” (1986, p. 33) da cultura e essa combateria a alienação.

Mas, afinal, a indústria cultural aliena ou revela? Coelho (1986) tenta entender como a alienação dos meios de comunicação acontece. Para isso, analisa a existência de dois aspectos que devem ser considerados para a melhor compreensão da questão: a análise do “conteúdo” que é apresentado e a análise “estrutural”. Quanto ao conteúdo, esse poderia ser classificado conforme sua mensagem (alienante, revelador), porém, é subjetivo, pois o que é bom, segundo certa ideologia, pode ser mau para a ideologia de outrem. Quanto à análise

estrutural, destaca-se que os produtos carregam consigo as ideologias e regras sociais, os vestígios do sistema que o criou. No caso, a ideologia do capitalismo. Como a indústria cultural se intensifica no século XIX, no capitalismo, e atinge seu auge com o capitalismo monopolista, todos os veículos da indústria cultural trazem consigo a ideologia capitalista: e toda aquela que caracteriza, portanto, os traços da reificação e da alienação.

Outro aspecto a ser analisado é a busca pelo prazer. Isso seria algo consumista, adepto da ideologia burguesa, portanto, reacionária: sendo que essa busca pelo prazer é reforçada pelos produtos da indústria cultural. Para os teóricos da escola de Frankfurt, a indústria cultural permitiria apenas um “falso prazer”, mas para Coelho (1986, p. 41), prazer também é conhecimento e é necessário à superação da ideia de que se precisa combater o prazer.

Fischer (2002, p. 233) nos lembra de que os produtores têm como meta obter lucro na demanda por entretenimento, que gera prazer. Por isso, utiliza-se da reprodução mecânica de várias formas artísticas, a fim de concretizar seus objetivos. Para esse autor, o gosto artístico do público das massas ainda está em formação, precisa se desenvolver (educação gradual das massas), e que a grande tarefa da sociedade socialista seria a educação do público para a elevação de apreciação, fruição e responsabilidade social do artista, frente as suas produções.

Frente a essas reflexões, partimos para a Implementação do Projeto por nós planejado, que aconteceu nas turmas do 2º ano do Ensino Médio, durante as aulas de Arte, com carga horária de 40 horas. Para a escolha das séries, levamos em consideração o fato de que os alunos que hoje se encontram nelas, terem sido alunos aos quais fizemos, nos anos anteriores, uma introdução ao conteúdo indústria cultural. Na ocasião, realizamos uma pesquisa sobre seus gostos e acesso à arte. As duas turmas que compõem o conjunto podem ser consideradas interessadas, empenhadas e participativas, identificando-se com o tema de estudo. O trabalho realizado com eles transcorreu de forma tranquila, sem nenhum grande problema, apenas ampliamos ou reduzimos o número de aulas previstas, conforme a necessidade de cada turma, e algumas modificações no encaminhamento das aulas. A turma A, teve aulas isoladas, o que prejudicou um pouco a conclusão dos estudos, precisando ser complementado ou finalizado em casa.

Para a efetivação dos objetivos propostos, no encaminhamento, procuramos considerar os três momentos de organização metodológica do ensino da arte,

conforme apresentados pela DCE-Arte (2008, p. 69-73): Teorizar (conteúdo contextualizado para que a percepção e a apropriação aconteçam, bem como a compreensão da obra de arte como conhecimento humano); Sentir e perceber (a apreciação, a fruição, a leitura e o acesso à obra de arte, para a apropriação dos conhecimentos artísticos); e Trabalho artístico (a prática ou o trabalho criador).

Para tanto, selecionamos conteúdos e materiais para leitura, audição, apreciação e análise, e produzimos uma Unidade Didática, com 12 propostas de estudo que exploravam a metodologia apresentada pelas diretrizes de Arte.

A princípio, realizamos um diagnóstico do perfil da turma com questionamentos sobre os seus gostos pessoais em relação a músicas, filmes, redes sociais, programas televisivos e dos termos como cultura de massa, comunicação de massa e Indústria cultural. Isso foi feito para verificarmos o grau de conhecimento dos estudantes em relação ao tema central de nossa proposta de intervenção pedagógica. Assim, observamos que eles já tinham um conhecimento básico sobre o assunto. As principais observações dos alunos discorreram acerca da manipulação televisiva, o senso comum, a opinião pública, a moda e o consumismo. Os alunos também citaram como as redes sociais geram discussões acerca de temas polêmicos. Na maioria dos casos, essas discussões não apresentam aprofundamento e os comentários são superficiais e, às vezes, agressivos. Notamos que as percepções dos alunos contribuem com visões distorcidas de assuntos importantes. Alguns deles apresentaram a noção de como isso pode ser prejudicial e gerar situações vexatórias.

Foram apresentados aos alunos os conceitos de cultura e dos sistemas de arte: erudita, popular, indústria cultural e cultura de massa com a leitura de textos explicativos e anotações de exemplos de cada sistema de arte. As principais observações feitas pelos alunos foram em relação à música, à moda, ao cinema e às artes visuais. Eles responderam a alguns questionamentos sobre a importância da televisão e de outras mídias na sua vida e sobre o julgamento deles frente ao nível de enriquecimento intelectual que tais meios apresentam. Questionamentos semelhantes foram feitos relacionados ao uso da internet e das redes sociais. Os alunos apontaram que alguns programas televisivos e conteúdos virtuais são bem interessantes e contribuem para a aquisição de conhecimento, mas que a maioria dos conteúdos acessados por eles são fúteis e irreais.

Nesse momento trabalhamos com a análise da letra da música “Televisão”, de 1985, da banda Titãs (composta por Marcelo Frommer, Toni Belloto e Arnaldo Antunes), refletindo sobre a visão expressa por ela em relação à vida, ao conhecimento, ao trabalho e aos relacionamentos. Os alunos fizeram vários comentários, citando, também, o uso da internet e as redes sociais em substituição da tv. Observemos que a televisão ainda é muito presente e influente na vida dos estudantes, porém a internet tem tomado cada vez mais o tempo deles.

Apresentamos aos estudantes três animações para a apreciação e análise: a primeira “Meow! Sociedade de Consumo”, de 1982, de Marcos Magalhães.¹ Os alunos citaram os produtos desta cultura que consumimos como: refrigerantes, *fast food*, literatura, roupas, frases e expressões da língua inglesa, cinema de Hollywood, jogos eletrônicos e, principalmente, músicas. Com relação a essas ocorrências, questionamos os alunos sobre o fato dessa influência se fazer presente também no modo como pensamos e agimos.

A segunda animação apreciada com os alunos, “Indústria Cultural”², provocou discussões sobre a consagração das obras de arte. Os alunos, a princípio, demonstraram não compreender os motivos de tal importância dada a essas obras. Buscamos então, observar os diversos aspectos que caracterizam a obra de arte como a composição da mesma, a sua qualidade técnica, a originalidade, o contexto histórico em que foi produzida, a sua história e fatos que a consagraram como obra prima. Também buscamos outros exemplos de obras bem conhecidas e discutimos sobre as formas de divulgação das obras de arte e o mercado de arte.

A terceira animação apresentada foi o vídeo “Man”³. Nesse momento, os alunos discutiram sobre o consumismo e a relação com a degradação ambiental, a exploração animal e o descarte do lixo. Refletimos sobre como, cada vez mais, consumimos descartando produtos antigos e, também, sobre a evolução das

¹ Produção da Embrafilme (dur. 07min25s). O curta de animação reflete sobre a globalização e a influência da cultura norte-americana na sociedade brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6p1XNokmVk> – acesso em 10 ago. 2017.

² Produção de Pedro Porto, 2006 (duração: 2min40s.). Nela se apresenta a reprodução da obra “Monalisa”, de Leonardo Da Vinci, 1503, em diversos produtos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OcsQP8uLQkc> acesso em 10 ago. 2017.

³ Roteiro e Direção de Steve Cutts, 2012, Inglaterra. (Duração: 3 min.). Apresenta uma crítica ao ser humano e ao seu posicionamento de superioridade diante dos demais seres vivos do planeta, bem como a atuação das indústrias que usam de práticas não sustentáveis em prol do consumismo e do lucro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdaICIU> acesso em 10 ago. 2017.

sociedades, que destroem o mundo, motivadas pelo sistema capitalista e pela busca constante de ter cada vez.

Pesquisas sobre os meios de comunicação de massa foram realizadas no laboratório de informática e com os celulares dos estudantes. Eles foram organizados em pequenos grupos e receberam um tema específico para a pesquisa, como: rádio, televisão, revista, jornal, redes sociais, entre outros. Orientamos a eles para que buscassem fontes confiáveis e que pesquisassem o histórico e os dados sobre as mídias. Coletivamente os alunos decidiram a forma de apresentação da pesquisa, escolhendo o cartaz. Foram, então, orientados a selecionar as informações mais importantes para compor o cartaz e quanto às questões estéticas como fontes, imagens, equilíbrio e harmonia, entre outros. Concluída a atividade, realizamos uma exposição de apresentação da pesquisa no saguão da escola.

A proposta seguinte foi a da apreciação da música –“3ª do plural”⁴. Essa nos levou a refletir sobre as relações entre indústria cultural e o consumismo, buscando desvendar questões a respeito de quem produz e administra o sistema de consumo, o consumo desenfreado, a função da publicidade e a ideologia do sistema capitalista. Tais aspectos estão expressos na sequência da letra da canção. Além disso, outras questões foram surgindo no decorrer da análise, como os padrões de beleza e a sua busca desenfreada, a busca pela felicidade e pela riqueza, como as pessoas são tratadas de forma homogeneizada e apenas como consumidores. Também trabalhamos o conceito de obsolescência programada, quando alguns alunos demonstraram já ter conhecimento sobre o assunto e contribuíram para o entendimento pelos demais.

Na sequência, trabalhamos com o conceito de consumismo na arte, analisando campanhas publicitárias, em imagem e vídeo, que se apropriam de obras de arte. Utilizamos por exemplo, a publicidade do Sabonete Vinólia, que apresenta imagens com apropriações das obras renascentistas “O nascimento de Vênus” e “A primavera”⁵, entre outras. Fizemos, ainda, a comparação entre as reproduções das obras originais com aquelas utilizadas pela mídia nas propagandas. Com algumas delas realizamos uma prática de leitura de imagens, com o objetivo de compreender como as artes visuais são veiculadas nas mídias, analisando as suas formas e

⁴ Uma canção da banda Engenheiros do Hawaii, cuja composição é de Humberto Gessinger, 2002, Álbum: Surfando Karmas & DNA.

⁵ Obras de Sandro Botticelli (Produção Bossa Nova Films. Duração 46s). Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/OB__TvKv2FIlgX3ctTk1WZ0duTWs - Acesso: 10 ago. 2017.

modelos frequentes. Ao longo da leitura, vários questionamentos foram feitos aos alunos para que pudessem perceber o processo de apropriação dessas produções, além dos elementos formais e compositivos, as mensagens, os símbolos e os mecanismos de padronização e homogeneização de gosto que essa manipulação midiática revela. Eles descreveram de que forma as obras foram referenciadas e, desse modo, foi possível dialogar ainda sobre os padrões de beleza.

Partimos, então, para a prática artística. Nessa fase os alunos foram orientados a criar propagandas de novos produtos ou recriar a propaganda para produtos já conhecidos por eles, tendo obras de arte como referências. Eles poderiam escolher a técnica artística e, juntos, decidiram que todos realizariam desenhos individuais e, depois, em grupos, criariam as versões em vídeo. Os alunos chegaram à conclusão que seus produtos deveriam ser coisas absurdas que as pessoas não precisassem comprar, mas que a propaganda deveria convencê-las do contrário. Depois, em grupos, escolheram os produtos criados para a produção do vídeo. Todos os grupos utilizaram os celulares e apresentaram os resultados na aula seguinte. Esses foram surpreendentes, pois, além de divertirem-se com a proposta, demonstraram domínio, empenho e criatividade. Um dos trabalhos foi inspirado na música analisada anteriormente e teve como tema a sequência lógica imposta pelo capitalismo e expressada pela canção, num processo no qual produtos são criados para suprir necessidades e problemas causados por outros.

Na proposta de discussão sobre o consumismo na arte, realizamos a apreciação e leitura de obras de arte descritas mais adiante, que apresentam como temática, elementos da indústria cultural. O objetivo dessa prática foi a apropriação artística que envolve a percepção e a fruição, e as relações que podem ser estabelecidas entre a imagem e a realidade. Encaminhamos, então, a leitura para a percepção dos elementos que compõem a imagem e para a percepção da visão de mundo, além das ideologias dos artistas que as criaram. Trabalhamos com as obras: “Babel”⁶, de Cildo Meireles, 2006, e “Inserções em circuitos ideológicos – Projeto Coca-Cola”⁷, 1970, do mesmo artista. Essas obras circularam entre as pessoas, superando o modelo mercantilista do objeto de arte e aproximaram a arte do público.

⁶. Instalação composta de rádios dispostos em formato de torre. Cada rádio sintonizado em uma estação. A obra reflete sobre a globalização da comunicação e da informação.

⁷. Consiste em interferências em garrafas retornáveis de Coca-Cola, por meio do Silkscreen. As frases impressas tinham caráter de contestação política, pois as obras foram criadas no período da ditadura militar no Brasil.

A partir desses conhecimentos, falamos sobre as novas formas de divulgação das obras do artista, que rompem com os modelos tradicionais de divulgação e consumo da arte. Nesse aspecto os alunos foram questionados quanto às formas de divulgação de arte que eles conheciam. Poucos afirmaram já ter apreciado uma exposição artística e citaram a internet como uma nova forma de divulgação. Frente a essa realidade – e para aprofundarmos as possibilidades de exploração de uma obra de arte – sugerimos que eles imaginassem que mensagens o artista Cildo Meireles escreveu para colocar em suas garrafas de Coca-Cola e quais poderiam ser escritas hoje nessas garrafas, afim de que pudessem atingir muitas pessoas. Lembrando-nos de que o artista se utilizou da sua obra como forma de denúncia das situações vivenciadas na época, os alunos fizeram relações com a atualidade, com as redes sociais e, também, com os últimos acontecimentos políticos.

Outra obra trabalhada, “*Untitled (I shop therefore I am)*”⁸, 1987, de Barbara Krueger. Pedimos aos alunos que descrevessem o que viam na imagem da obra em análise. Se já era conhecida ou se já tinham visto algo semelhante. Aspectos que envolvem os elementos formais e compositivos que podiam ser identificados e como esses eram organizados na obra foram discutidos. Também questionamos os alunos sobre os materiais que eles imaginavam terem sido usados na composição, sobre a mensagem transmitida pela obra, e sobre que relações poderia essa obra estabelecer com outras, ou com a realidade que eles conheciam. Os alunos se interessaram bastante pelas obras e fizeram vários questionamentos e comentários, principalmente relacionados à realidade, citando exemplos de injustiças sociais e de direitos humanos. A proposta de prática coletiva não foi encaminhada nesse momento conforme o previsto, pois os alunos estavam mais dispostos a discutir e refletir sobre os temas da aula.

Na proposta de estudo sobre a reprodutibilidade da obra de arte, apreciamos o trecho do filme “Sorriso de Monalisa”⁹. Esse recorte mostra como a arte de Vincent Van Gogh pode ser comercializada e copiada. Prosseguimos discutindo sobre o acesso que eles têm à arte, situação que se assemelha à de grande parte da população brasileira.

⁸. Barbara Krueger cria obras de crítica ao consumismo e ao capitalismo. São fotomontagens em preto e branco com frases de impacto que imitam a propaganda. Imagens da obra disponíveis no site <http://atraves.tv/a-arte-de-barbara-krueger/> Acesso em 10 ago. 2017.

⁹. Mona Lisa Smille. Drama, EUA, 2003, 125min. Diretor: Mike Newwll. Duração do vídeo: 01min49.

Para dar continuidade aos estudos, realizamos a leitura e a análise do resumo do livro *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, 2014 de Walter Benjamin. O texto discute acerca da originalidade e da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Explicações sobre o conceito e as formas de reprodutibilidade foram dadas na sequência, buscando compreender a relação entre a arte e a indústria cultural.

Realizadas as etapas anteriores, solicitamos, nesse momento do projeto, que realizassem a produção de um texto sobre o tema do seu contato com obras de arte, percorrendo sobre seus gostos pessoais e concepções sobre a arte. Além disso, nessa produção escrita, eles deveriam relacionar e apresentar os principais conhecimentos acerca dos conteúdos estudados até o momento. Para realizar essa atividade, os alunos puderam recorrer às anotações realizadas nas aulas anteriores.

Seguimos o projeto com o estudo do movimento artístico *Pop Art*, momento no qual buscamos compreender a relação entre a indústria cultural e o movimento artístico. Para tanto, apresentamos imagens de obras de vários artistas, como Richard Hamilton¹⁰ e Andy Warhol¹¹, discutimos sobre o culto ao corpo e as celebridades, os produtos de consumo, objetos industrializados, símbolos e cotidiano. Para a leitura das obras escolhidas utilizamos como roteiro o processo de Leitura *Image Watching*, criado por Ott, em 1997, e exposto no artigo “Ensinando crítica nos museus.” (OTT, 2005, p. 130). Sintetizamos, a seguir, as proposições do autor para a apreciação de uma obra de arte pelos alunos:

- Descrevendo: os alunos fizeram a observação da obra e, em seguida, listaram o que perceberam, sempre orientados para que procurassem entender por que aquelas formas faziam parte da composição;

- Analisando: na investigação sobre como foi executada a obra, os alunos logo perceberam as técnicas utilizadas. Desse modo, observamos os elementos da composição e formas da obra de arte;

- Interpretando: Nesse momento os alunos expressaram como se sentiam em relação à obra, fizeram relações com seus conhecimentos e experiências;

- Fundamentando: a contextualização das obras, etapa na qual falamos sobre as características da produção dos artistas e sobre o movimento *Pop Art*;

¹⁰.Artista norte-americano, precursor do movimento da Pop Art.

<http://www.tate.org.uk/art/artists/richard-hamilton-1244> – acesos em 12 out 2017

¹¹.Artista norte-americano, considerado o “pai” da Pop Art. <http://www.tate.org.uk/art/artists/andy-warhol-2121> – acesso em 12 out 2017

- Revelando: Nesse momento os alunos foram convidados a se expressarem através da produção artística, criando pinturas com características da *Pop Art*.

Em seguida, estudamos sobre a história e as técnicas de gravura. Parta tanto, apresentamos a história da origem da gravura, a gravura no Brasil e a literatura de cordel. Realizamos a leitura de um texto e apreciamos imagens de gravuras em diversas técnicas e de diferentes artistas.

Técnicas de gravura foram apresentadas aos alunos com a exposição de materiais e imagens. A xilogravura e o *silk-screen*, são técnicas que, a princípio, gostaríamos de explorar com os estudantes. Como trabalhar com xilogravura na escola é algo um tanto complicado, devido ao uso das goivas, descartamos a técnica e propusemos o trabalho com o *silk-screem*, já que é bastante comum para a reprodutibilidade de obras de arte e, também, utilizada por artistas do *Pop Art*.

Os alunos foram orientados a criar desenhos, considerando os aspectos necessários para o posterior uso da técnica. A temática deveria fazer referência aos conteúdos estudados durante o nosso percurso. Estimulamos a exploração de diversas formas, orientando sempre os alunos às criações que atendessem à técnica para qual os desenhos seriam transferidos.

As impressões sobre papel foram realizadas com poucas dificuldades pelos alunos e, posteriormente, executamos o *paspatur* para a finalização e apresentação das mesmas. Organizamos uma exposição das produções dos alunos, a fim de socializar, com a comunidade escolar, os conhecimentos adquiridos.

Os encaminhamentos das propostas buscaram a compreensão dos conceitos e a relação que os alunos possam fazer com os seus conhecimentos cotidianos. As propostas apresentadas na “Unidade Didática” foram flexibilizadas, levando em consideração as características dos alunos, pois o projeto foi aplicado em duas turmas com perfis diferentes. Em todas as aulas forma utilizados recursos multimídia disponíveis na escola, livros, imagens, celular, materiais artísticos variados.

Nas práticas, procuramos estabelecer os critérios antecipadamente, para que os alunos tivessem ciência do que precisavam desenvolver para alcançar os objetivos do estudo. Nos registros escritos, observamos que os alunos conseguiram refletir sobre o tema, mesmo que, muitas vezes, não expusessem seus pensamentos nas discussões. Nos registros escritos, na oralidade, no trabalho individual e em grupo, procuramos identificar o nível de conhecimento e a

elaboração de argumentos, além de identificar o crescimento do aluno em defender suas posições, com exemplos e informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica “Arte, Cultura e Sociedade: diálogos e inter-relações – A Indústria Cultural e a Arte” teve estratégias de ação centradas na formação de alunos mais reflexivos, com maior capacidade de apreensão da realidade, na busca pela conscientização e emancipação frente à influência e aos produtos da indústria cultural e na busca efetiva pelo sentido, compreensão e valorização da arte e da cultura.

Durante todos os momentos da aplicação do projeto, procuramos observar e registrar os comentários, dúvidas, reflexões e sugestões dos alunos. Observamos a participação de cada um. Muitos apresentaram facilidade em expor suas ideias e opiniões, outros se destacaram, mas alguns não fizeram algumas das propostas sugeridas. Alguns alunos apresentaram dificuldades na execução das tarefas, obstáculos que, na maioria dos casos, foram superadas com o apoio dos colegas.

A partir de produções textuais e da oralidade, podemos identificar o nível de conhecimento e elaboração de argumentos dos estudantes. Também identificamos o crescimento do aluno em defender suas posições, argumentando com exemplos e informações, além de demonstrarem interesse pela temática e expressarem a compreensão sobre a importância do estudo realizado.

Essa oportunidade de estudo nos possibilitou novos conhecimentos, tanto na pesquisa bibliográfica em que se baseou a proposta, como nas trocas de experiências propiciadas pelos conteúdos trabalhados nas aulas que participamos na universidade e no Grupo de Trabalho em Rede (GTR), contribuindo, assim, para o enriquecimento da proposta de trabalho pedagógico. Nas discussões realizadas nas formações, com os professores cursistas de diversas regiões do estado, podemos observar a relevância do estudo proposto, pois, de acordo com o relato dos colegas, a realidade que motivou nosso projeto é a mesma ou bastante similar as de suas escolas de atuação, mesmo as localizadas na capital, que, teoricamente, teriam mais acesso aos espaços institucionalizados e à arte de forma geral.

Ao analisarmos todo o processo pelo qual passamos no decorrer do PDE, acreditamos que a nossa proposta de estudo tenha contribuído para o

enriquecimento intelectual e cultural dos nossos estudantes de forma bastante significativa para a sua formação humana, atingindo, assim, seus objetivos. E ainda, acrescentado importantes conhecimentos na formação dos professores participantes do GTR e principalmente a nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e Sociedade**. 5.ed. S. Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

ARAÚJO, G.C.; OLIVEIRA, A. A. **Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea**. doi:10.4025/imagenseduc.v3i2.20238 Gu <https://goo.gl/LCv1Tt> Acesso em: 29 out. 2016.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Ed Zouk, 2014.

COELHO, T. **O que é Indústria Cultural**. 8.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 5.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.

FERREIRA, G. Cildo Meireles Inserções em circuitos ideológicos 1970. In: **Escritos de artistas**: anos 60/70. E-book. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/DWtYn3> - Acesso em 12 out. 2016. p. 264-274.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2002.

FREITAS, V. **Adorno & a arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

LOUREIRO, R. **Indústria Cultural e educação em tempos pós-modernos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

OTT, R. W. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte-Educação**: leitura no subsolo. São Paulo. 6.ed. Cortez, 2005. p. 113-141.

PARANÁ. Secretária de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte**. Curitiba: SEED, 2008.